



A cruz azul

◆ G. K. CHESTERTON ◆

BLOOMSBURY
SQUARE W.C.1

THE ILLUSTRATED
LONDON
NEWS

MYSTERIOUS
DEATH
IN KENSINGTON
— SEE PAGE 7

— UM CASO DO —
PADRE BROWN



Entre o prateado da manhã e o verde cintilante do mar, a balsa atracou em Harwich e liberou um enxame de pessoas; no meio delas, o homem que devemos acompanhar não estava de modo algum evidente – nem desejava estar. Não havia nada de notável nele, exceto um leve contraste entre a alegria das roupas e a seriedade formal do rosto. O casaco leve cinza-claro, o colete branco e o chapéu de palha prateado com faixa azul-acinzentada deixavam sombrio o rosto magro, que terminava numa barba negra e curta à moda espanhola, lembrando um colarinho elisabetano. Fumava um cigarro com a seriedade de um desocupado. Nada nele sugeria o fato de que o casaco cinza escondia um revólver carregado e o colete branco, um distintivo policial, nem que o chapéu de palha cobria um dos intelectos mais poderosos da Europa. Tratava-se de Valentin em pessoa, o chefe da polícia parisiense e investigador mais famoso do mundo; vindo de Bruxelas para Londres com o objetivo de efetuar a maior prisão do século.

Flambeau estava na Inglaterra. A polícia de três países havia finalmente encontrado o rastro do grande criminoso, desde Gante até Bruxelas e de Bruxelas até a cidade portuária de Hook van Holland; tudo indicava que ele pretendia se aproveitar da novidade e da confusão do Congresso Eucarístico que estava acontecendo em Londres. Era bem provável que ele viajasse como um clérigo subalterno ou secretário vinculado ao Congresso, mas, é claro, Valentin não podia ter certeza; ninguém podia ter certeza quanto a Flambeau.

Já fazia um bom tempo desde que esse colosso do crime, de repente, cessara de colocar o mundo em polvorosa; e, quando ele cessou, assim como disseram após a morte de Rolando, fez-se um grande silêncio sobre a Terra. Mas em seus melhores dias (na verdade, é claro, em seus piores), Flambeau era uma figura tão imponente e internacional quanto o Kaiser. Quase todas as manhãs, o jornal anunciava que ele havia escapado das consequências de um crime extraordinário cometendo outro. Era um gascão de estatura gigantesca e físico arrojado; e as histórias mais fantásticas eram contadas sobre seus rompantes vigorosos de humor; como quando ele agarrou o juiz de instrução pelos pés e o virou de cabeça para baixo, “para clarear as ideias”; como quando desceu a Rue de Rivoli com um policial debaixo de cada braço. É justo dizer que seu fantástico vigor físico em geral era empregado em cenas

que não eram sanguinárias, embora fossem indignas; os seus crimes verdadeiros eram, sobretudo, aqueles roubos habilidosos e por atacado. Mas cada um de seus roubos era quase um novo pecado e constituía uma história que valia por si mesma. Foi ele quem fez funcionar a importante Companhia Leiteira Tirolesa em Londres, sem laticínios, nem vacas, nem carroças, nem leite, mas com alguns milhares de investidores. Conseguiu isso com a simples operação de mover as pequenas vasilhas de leite da porta das pessoas para a porta de seus próprios fregueses. Foi ele quem manteve uma correspondência inexplicável e íntima com uma jovem cuja mala postal era interceptada, utilizando-se do extraordinário truque de fotografar as mensagens em tamanho infinitesimalmente menor nas lâminas de um microscópio. Uma grande simplicidade, entretanto, marcava muitos de seus experimentos. Disseram que uma vez ele repintou todos os números em uma rua na calada da noite, apenas para atrair um viajante em uma cilada. É quase certo que ele inventou a caixa de correio portátil, que colocava nas esquinas dos bairros mais calmos, para o caso de forasteiros jogarem vales postais ali. Além disso, era conhecido por ser um acrobata surpreendente: apesar da enorme silhueta, podia saltar como um gafanhoto e desaparecer nas copas das árvores como um macaco. Por isso, o grande Valentin, quando saiu à caça de Flambeau, estava bem ciente de que suas aventuras não acabariam quando o encontrasse.

Mas como ele o encontraria? Nesse aspecto as ideias do grande Valentin continuavam em processo de amadurecimento.

Havia uma coisa que Flambeau, com toda sua destreza em disfarces, não conseguia esconder: a estatura peculiar. Se o olho rápido de Valentin tivesse percebido uma vendedora de maçãs altíssima, um soldado penalta ou até mesmo uma duquesa de boa altura, poderia tê-los prendido no ato. Mas em todo o seu percurso não encontrou ninguém que pudesse ser um Flambeau disfarçado, a menos que girafas consigam se disfarçar de gatos. Quanto às pessoas da balsa, ele já estava satisfeito; e as pessoas que embarcaram no trem em Harwich ou nas estações do caminho com certeza se limitavam a seis. Havia um oficial de ferrovia, meio tampinha, viajando até o ponto final; três horticultores baixotes, que subiram a bordo duas estações depois; uma viúva nanica de uma cidadezinha de Essex e um padre católico bem baixinho, de um vilarejo também de Essex. Quando chegou ao último caso, Valentin desistiu e quase caiu na risada. O pequenino padre era a essência daquelas planícies do Leste: tinha o rosto tão redondo e opaco quanto um bolinho

típico de Norfolk, olhos tão vagos quanto o Mar do Norte e vários embrulhos de papel pardo que mal conseguia carregar. Sem dúvida, o Congresso Eucarístico tinha atraído de seus lugarejos estagnados muitos tipos de criaturas, cegos e indefesos como toupeiras desenterradas. Valentin era um cético ao estilo severo da França e não conseguia gostar de padres. Mas podia ter pena deles, e aquele teria provocado pena em qualquer um. Levava um guarda-chuva grande e surrado, que caía a toda hora no chão. Parecia não saber qual era o destino exato do bilhete de volta. Explicou para todos no vagão, com a simplicidade de um bobo, que precisava ser cuidadoso, porque trazia consigo uma coisa feita de prata legítima, “incrustada com pedras azuis”, num dos embrulhos de papel pardo. Sua mistura pitoresca da monotonia de Essex com uma simplicidade impecável divertiu ininterruptamente o francês até o padre chegar (não se sabe como) em Stratford com todos os embrulhos, mas deixando o guarda-chuva para trás. Quando ele voltou para buscar, Valentin, generoso, alertou-o que contar a todos sobre a prata não era a melhor maneira de cuidar dela. Mas, seja com quem estivesse falando, Valentin ficava de olho nas pessoas ao redor; perscrutava qualquer pessoa, rica ou pobre, homem ou mulher, com mais de um metro e oitenta de altura, pois Flambeau tinha dez centímetros mais.

De qualquer modo, Valentin desembarcou na Liverpool Street, muito seguro e certo de que não havia deixado escapar o criminoso até aquele momento. Depois foi à Scotland Yard para regularizar sua situação e conseguir ajuda caso fosse preciso. Então, acendeu outro cigarro e saiu para um longo passeio nas ruas de Londres. Quando estava andando nas ruas e praças do outro lado da Victoria Street, estacou de repente. Era uma praça tranquila, singular, típica de Londres, cheia de uma serenidade casual. As casas altas e retas em volta pareciam ao mesmo tempo prósperas e desabitadas; a praça de arbustos no centro parecia tão deserta quanto uma ilha verde do Pacífico. Um dos quatro lados era muito mais alto que os outros, como um altar, e o traçado desse lado era interrompido por uma das mais admiráveis casualidades de Londres – um restaurante que parecia ter se desgarrado do Soho. Era um objeto atraente sem motivos, com bonsais em vasos e cortinas longas, listradas em amarelo-limão e branco. Situava-se de modo especialmente elevado na rua e, no formato usual de colcha de retalhos de Londres, um lance de degraus subia da rua até a porta da frente, quase como uma escada de incêndio chega a uma janela do segundo piso. Valentin parou e fumou em frente às cortinas em amarelo e branco e achou-as

compridas.

O que há de mais inacreditável nos milagres é que eles acontecem. Algumas nuvens no céu agrupam-se para formar um olho humano. Uma árvore destaca-se na paisagem de uma jornada duvidosa na forma exata e elaborada de um sinal de interrogação. Eu mesmo vi as duas coisas nos últimos dias. Nelson morre, de fato, no instante da vitória; e um homem chamado Williams mata de forma completamente acidental um homem chamado Williams Jr.; isso soa meio como um infanticídio. Resumindo, na vida existe um elemento mágico nas coincidências que as pessoas ao pensar no prosaico talvez nunca notem. Como bem expressa o paradoxo de Poe, a sabedoria tem de levar em conta o inesperado.

Aristide Valentin era francês por completo; e a inteligência francesa é uma inteligência especial e única. Ele não era uma “máquina de pensar”, pois isso é uma expressão estúpida do materialismo e do fatalismo modernos. Uma máquina só é uma máquina porque não consegue pensar. Mas ele era um homem pensante e comum ao mesmo tempo. Todos os seus maravilhosos sucessos, que pareciam magia, tinham sido obtidos por uma lógica criteriosa, por um pensamento francês comum e claro. Os franceses impressionam o mundo não por inventarem quaisquer paradoxos; eles deslumbram por agirem de acordo com truísmos. Eles levam os truísmos às últimas consequências – como na Revolução Francesa. Mas justo porque Valentin entendia a razão, entendia os limites da razão. Só um homem que não sabe nada sobre automóveis fala sobre automobilismo sem gasolina; só um homem que não sabe nada sobre a razão fala sobre raciocínio sem princípios básicos incontestáveis e fortes. Aqui ele não tinha princípios básicos fortes. Flambeau desapareceu em Harwich, e, de qualquer modo, se estava em Londres, podia ser qualquer um, desde um vagabundo alto no parque de Wimbledon até um recepcionista alto no Hôtel Métropole. Quando em tal estado puro de ignorância, Valentin tinha pontos de vista e métodos próprios.

Em tais casos, ele contava com o inesperado. Em tais casos, quando não podia seguir o curso do razoável, de modo cuidadoso e frio, seguia o curso do irracional. Em vez de ir aos lugares certos: bancos, postos de polícia, prostíbulos, de modo sistemático, ele ia aos lugares errados; batia à porta de todas as casas desocupadas, entrava em todos os becos sem saída, subia cada ruela bloqueada com entulhos, circulava em cada rua curva que o desviava inutilmente para fora do caminho. Defendia esse trajeto louco de forma bastante lógica. Dizia que, se alguém tinha uma pista, esse era o pior

caminho, mas se alguém não tinha pista nenhuma, então esse seria o melhor caminho, pois havia justamente a chance de que alguma esquisitice que chamasse a atenção do perseguidor também tivesse chamado a do perseguido. Um homem precisa de um lugar para começar, e seria melhor que fosse onde outro homem pudesse parar. Algo naquele lance de degraus subindo para o estabelecimento, algo na calma e excentricidade do restaurante despertou toda a sua rara imaginação romântica de detetive e o fez investir no acaso. Subiu os degraus, abancou-se a uma mesa junto à janela e pediu uma xícara de café preto.

A manhã já estava na metade, e ele ainda não tomara café; restos de outros cafés da manhã estavam sobre a mesa para lembrá-lo de sua fome. Acrescentando ovos pochés ao seu pedido, distraidamente mexeu o açúcar no café, pensando o tempo todo em Flambeau. Recordou como Flambeau escapara uma vez usando um par de tesourinhas de unhas e outra vez por uma casa em chamas; uma vez tendo de pagar por uma carta sem selo e noutra conseguindo que as pessoas olhassem ao telescópio um cometa que poderia destruir o mundo. Valentin julgava seu cérebro de detetive tão bom quanto o do criminoso, o que era verdade. Mas percebia plenamente a desvantagem: “O criminoso é o artista criativo; o detetive, apenas o crítico”, murmurou com um sorriso amargo. Devagar, ergueu a xícara aos lábios e largou-a muito rápido. Havia colocado sal no café.

Olhou para o pote do qual veio o pó prateado; com certeza era um açucareiro; sem dúvida, tão apropriado para o açúcar quanto uma garrafa de champanhe para o champanhe. Ficou imaginando por que serviriam sal no açucareiro. Olhou para ver se havia frascos mais ortodoxos. Sim, havia dois saleiros quase cheios. Porém, havia uma particularidade no condimento dos saleiros. Ele experimentou; era açúcar. Depois olhou em volta com revigorado ar de interesse pelo restaurante, para ver se havia quaisquer outros traços daquele peculiar gosto artístico que coloca açúcar no saleiro e sal no açucareiro. Exceto as manchas esquisitas de um líquido escuro no papel de parede branco, o lugar todo parecia comum, alegre e limpo. Tocou a sineta para chamar o garçom.

Quando o funcionário se aproximou apressado, com o cabelo desarrumado e um olhar meio turvo já tão cedo, o detetive (com admiração pelas formas de humor mais simples) pediu para ele experimentar o açúcar e ver se o produto estava à altura da reputação do hotel. Como resultado, o garçom bocejou de repente e despertou.

– É costume fazer essa brincadeira delicada com os fregueses todas as manhãs? – perguntou Valentin. – Nunca perde a graça trocar o açúcar pelo sal?

Quando entendeu a ironia, o garçom assegurou gaguejando que o estabelecimento com certeza não tivera essa intenção, devia ser o mais curioso dos enganos. Pegou e observou o açucareiro; pegou e observou o saleiro; o rosto cada vez mais confuso. Por fim, ele se desculpou de forma abrupta e saiu rápido. Segundos depois, retornou com o dono, que também examinou o açucareiro e depois o saleiro com ar não menos confuso.

De repente, o garçom balbuciou uma torrente de palavras:

– Eu tô ajando – gaguejou ansioso –, eu ajo que foi aqueles dois badres.

– Que dois padres?

– Os dois badres – explicou o garçom – que jogaram soba na parede.

– Sopa na parede? – repetiu Valentin, com a sensação de que aquilo devia ser uma singular metáfora italiana.

– Sim, sim – reiterou o garçom empolgado, apontando as manchas escuras no papel de parede branco –, bem ali na barede.

Valentin olhou com dúvida para o dono, que veio em seu socorro com o relato completo.

– Sim, sim. É mesmo verdade, mas eu não imaginava que tinha algo a ver com o açúcar e o sal. Dois padres vieram aqui muito cedo, assim que os postigos foram abaixados, e tomaram sopa. Os dois eram muito calmos, pessoas respeitáveis; um deles pagou a conta e saiu; o outro, o vagão mais lento do comboio, ficou mais um tempinho juntando as coisas. Mas enfim foi saindo. Pois não é que, no instante antes de sair para a rua, ele ergueu a tigela ainda com sopa pela metade e, de propósito, jogou o líquido na parede? Eu estava no salão de trás, e o garçom também; só tive tempo de correr para cá e encontrar a parede respingada e o estabelecimento vazio. Isso não causou nenhum dano em especial, mas foi um atrevimento desconcertante. Eu tentei alcançar os homens na rua, mas eles já estavam muito longe; só reparei que dobraram na esquina com a Carstairs Street.

O detetive agora estava de pé, chapéu na cabeça e bengala na mão. Já havia decidido que, na escuridão universal em que estava mergulhada a sua mente, a única coisa a fazer era seguir o primeiro dedo estranho que apontasse; e aquele dedo era estranho o suficiente. Pagando a conta e batendo a porta de vidro atrás de si, no instante seguinte enveredava na outra rua.

Felizmente, até mesmo nesses momentos febris seu olho era frio e

rápido. Algo na fachada de uma loja foi para ele como um lampejo; voltou para olhar. Era uma loja popular de frutas, verduras e uma série de mercadorias dispostas a céu aberto, etiquetadas com nomes e preços. Nos dois compartimentos mais proeminentes havia dois montes, um de laranjas e o outro de castanhas-do-pará. Na pilha de castanhas estava posicionado um cartaz de papelão, com letras escritas em giz azul forte: “As melhores laranjas, duas por um penny”. Nas laranjas, a mesma descrição clara e exata: “As melhores castanhas-do-pará, uma libra por quatro pences”. Monsieur Valentin olhou para esses dois cartazes e observou que havia visto antes aquela sutil manifestação de humor, há não muito tempo. Chamou a atenção sobre a troca dos cartazes ao fruteiro, que olhava emburrado para um lado e para o outro da rua. O fruteiro não disse nada, mas colocou cada papelão no lugar certo rispidamente. O detetive, apoiando-se com elegância na bengala, continuou a escrutinar a tenda. Enfim, falou:

– Peço desculpas pela minha aparente impertinência, meu bom senhor, mas eu gostaria de lhe fazer uma pergunta entre psicologia experimental e associação de ideias. – O vendedor irritado o fitou com olhar ameaçador, mas Valentin continuou alegremente, balançando a bengala. – Por que... – insistiu ele – por que duas placas ficam deslocadas numa quitanda como padres com chapéus de abas passeando em Londres? Ou, no caso de eu não ter sido claro, que associação mística conecta a ideia de castanhas-do-pará identificadas como laranjas com a ideia de dois padres, um alto e outro nanico?

Os olhos do negociante saltaram como os de uma cobra; por um momento, pareceu mesmo que ele ia dar o bote no estranho. Enfim, gaguejou zangado:

– Eu não sei o que o senhor tem a ver com isso, mas, se é amigo deles, pode dizer para aqueles dois palhaços que vou nocautear eles, padres ou não, na próxima vez que derrubarem minhas maçãs.

– Mesmo? – perguntou o detetive com imensa simpatia. – Derrubaram as maçãs?

– Um deles, foi sim – disse o enfático vendedor –, e as maçã rolaram por toda a rua. Eu ia dar uma lição no idiota, mas tive que juntar tudo.

– Para que lado esses padres foram? – perguntou Valentin.

– Pegaram a segunda rua às esquerda e depois atravessaram a praça – disse o outro prontamente.

– Obrigado – respondeu Valentin e desapareceu como um duende.

Do outro lado da segunda esquina, ele achou um policial e perguntou:

– É urgente, policial! Não viu dois padres com chapéus de abas?

O policial começou a gargalhar:

– Vi, sim senhor! E, já que o senhor me pergunta, um deles tava bêbado. Ficou ali tonto, parado no meio da rua...

– Para que lado eles foram? – interrompeu Valentin.

– Pegaram um daqueles ônibus amarelo bem ali – respondeu o homem –, que depois vai pra Hampstead.

Valentin mostrou seu distintivo e falou muito rápido:

– Chame dois de seus homens para virem comigo em perseguição.

E atravessou a rua com uma energia tão contagiante que o desajeitado policial foi movido por uma obediência quase ágil. Em um minuto e meio, o detetive francês estava acompanhado, do outro lado da calçada, por um inspetor e um policial à paisana.

– Bem, senhor – disse o primeiro, com importância sorridente –, e o que podemos...

Valentin apontou de repente com a bengala:

– Vou lhe dizer a bordo daquele ônibus – disse ele correndo e esquivando-se em meio ao tráfego emaranhado. Quando os três desabaram ofegantes nos assentos do segundo andar do veículo amarelo, o inspetor disse:

– A gente podia ir quatro vezes mais rápido num táxi.

– É bem verdade – respondeu o líder com calma –, se tivéssemos pelo menos ideia de onde estamos indo.

– Bom, mas aonde você *está* indo? – perguntou o outro, olhando-o espantado.

Valentin fumou com um rosto sombrio por alguns segundos; depois, tirando o cigarro da boca, falou:

– Se você *sabe* o que um homem está fazendo, chegue à frente dele, mas se você quer descobrir o que ele está fazendo, mantenha-se atrás dele. Perca-se quando ele se perder, pare quando ele parar, viaje tão devagar quanto ele. Então conseguirá ver o que ele viu e agir como ele agiu. O melhor a fazer é ficarmos atentos para alguma coisa estranha.

– Que tipo de coisa estranha? – perguntou o inspetor.

– Qualquer tipo de coisa estranha – respondeu Valentin e mergulhou num silêncio obstinado.

O ônibus amarelo arrastou-se pelas ruas do norte da cidade pelo que pareceram horas a fio; o grande detetive não dava maiores explicações, e seus

assistentes talvez estivessem sentindo uma dúvida crescente e silenciosa quanto à missão dele. Talvez, também, estivessem sentindo um desejo crescente e silencioso de almoçar, pois as horas se arrastaram muito além da hora normal de almoço. As longas avenidas dos subúrbios do norte de Londres pareciam se projetar quilômetro após quilômetro como um telescópio infernal. Era uma daquelas jornadas em que um homem sente todo o tempo que enfim chegou ao fim do universo, para depois descobrir que só chegou ao início do Parque Tufnell. Londres desapareceu em tabernas sujas e arbustos melancólicos e depois renasceu de forma enigmática em reluzentes avenidas e ruidosos hotéis. Foi como passar por treze cidades comuns, todas apenas se tocando. Embora o crepúsculo do inverno já estivesse ameaçando a estrada à frente deles, o detetive parisiense permaneceu sentado, silencioso e atento, olhando as fachadas das ruas que deslizavam de cada lado. Quando deixaram Camden Town para trás, os policiais estavam quase dormindo; ao menos, deram um pulo quando Valentin levantou-se, muito ereto, deu um tapinha no ombro de cada um e gritou para o motorista parar.

Eles saltaram do degrau do ônibus para a rua sem entender por que haviam sido desalojados; quando olharam ao redor em busca de um esclarecimento, viram Valentin apontando triunfante em direção a uma janela do lado esquerdo da rua. Era uma janela grande, na longa fachada de uma hospedaria dourada e majestosa; era a parte reservada para jantares respeitáveis, denominada “Restaurant”. Essa janela, assim como toda a frente do hotel, era adornada com vidro jateado, mas no meio dela havia uma rachadura grande e preta, como uma estrela no gelo.

– Afinal, nossa pista – gritou Valentin, agitando a bengala –, o lugar com a janela quebrada.

– Que janela? Que pista? – perguntou seu assistente principal. – Por quê? Que prova há que isso tenha alguma coisa a ver com eles?

Valentin quase quebrou sua bengala de bambu com raiva.

– Prova! – ele gritou. – Meu bom Deus! O homem está procurando provas! Porque, é claro, as chances são de vinte para um que isso não tenha nada a ver com eles. Mas o que mais podemos fazer? Não vê que devemos seguir qualquer possibilidade absurda ou, do contrário, ir para casa?

Ele entrou de maneira brusca no restaurante, seguido por seus companheiros, e logo estavam sentados para um almoço tardio a uma mesa pequena, olhando para a estrela no vidro quebrado. Embora aquilo não fosse muito informativo para eles.

– Estou vendo que quebraram uma janela – disse Valentin para o garçom, quando pagou a conta.

– Sim, senhor – respondeu o atendente, curvando-se com diligência sobre o pagamento, ao qual Valentin silenciosamente acrescentou uma generosa gorjeta. O garçom endireitou-se com discreta mas inconfundível animação.

– Ah! Sim, senhor – disse. – Coisa muito estranha, aquilo, senhor.

– É mesmo? Conte para nós – falou o detetive com despreocupada curiosidade.

– Bem, dois senhores vestidos de preto entraram – disse o garçom. – Duas daquelas pessoas estranhas que andam por aí. Comeram tranquilos um lanche barato, um deles pagou e saiu. O outro já estava saindo para se juntar a ele quando olhei de novo o valor pago e descobri que haviam pago três vezes mais. “Ei!”, chamei o freguês que estava perto da porta, “o senhor pagou muito mais”. Ele disse bem calmo: “Ah! É mesmo?” Eu disse que sim e mostrei a conta a ele. Bem, aquilo foi um golpe.

– O que você quer dizer? – perguntou seu interlocutor.

– Bem, eu podia jurar sobre sete Bíblias que tinha colocado 4 xelins na conta. Mas então vi que tinha colocado 14 xelins, claro como água.

– Sim? – gritou Valentin, movendo-se devagar, mas com olhos flamejantes. – E depois?

– O senhor que estava na porta disse, muito sereno: “Desculpe por confundir suas contas, mas isso vai pagar pela janela”. Eu disse: “Que janela?”. Ele respondeu: “A que eu vou quebrar”, e bateu naquela vidraça abençoada com o guarda-chuva.

Os três investigadores soltaram uma exclamação, e o inspetor sussurrou:

– Estamos atrás de fugitivos malucos?

O garçom prosseguiu com certa satisfação pela história ridícula:

– Fui pego tão de surpresa que não pude fazer nada. O homem saiu daqui e se juntou ao amigo já quase na esquina. Depois eles subiram tão rápido a Bullock Street que não pude alcançá-los, apesar de eu ter contornado o balcão correndo.

– Bullock Street – disse o detetive, e disparou pela rua tão rápido quanto a estranha dupla que perseguia.

A jornada agora os conduziu por caminhos de tijolos aparentes, feito túneis; ruas com poucas luzes e igualmente poucas janelas; ruas que pareciam construídas nos espaços vazios por trás de todas as coisas e lugares. O

anoitecer intensificava-se, e não era fácil nem mesmo para os policiais londrinos supor em que direção exata estavam caminhando. O inspetor, entretanto, estava certo de que poderiam eventualmente chegar à charneca Hampstead. De repente, uma vitrine com iluminação a gás quebrou o crepúsculo azul como uma claraboia, e Valentin parou um instante em frente a uma pequena e vistosa loja de doces. Após um instante de hesitação, ele entrou; ficou parado em meio às cores espalhafatosas da confeitaria na mais completa seriedade e comprou treze cigarros de chocolate com uma indubitável cautela. Estava, de forma clara, preparando um começo de conversa, mas não precisou preparar nada.

Uma jovem balconista, envelhecida e magra, tinha saudado aquele homem elegante com uma simples indagação automática, mas, quando viu a porta atrás dele bloqueada com o uniforme azul do inspetor, seus olhos pareceram acordar.

– Ah! – ela disse –, se vieram por causa do embrulho, eu já enviei.

– Embrulho! – repetiu Valentin; e foi sua vez de olhar, questionando.

– Quero dizer o embrulho que o cavalheiro esqueceu. O padre!

– Por Deus – disse Valentin, inclinando-se para a frente com sua primeira confissão real de ansiedade –, pelo amor de Deus, conte-nos o que aconteceu.

– Bem – disse a mulher com certa dúvida –, os padres entraram faz uma meia hora, compraram balas de hortelã, conversaram um pouco e depois saíram na direção da charneca. Mas segundos depois um deles voltou correndo, entrou na loja e disse: “Esqueci um embrulho?” Bem, olhei em todos os lugares e não vi embrulho nenhum, então ele disse: “Não faz mal; mas se o embrulho aparecer, por favor, envie para este endereço”. E me deixou o endereço e um xelim pelo contratempo. E realmente, embora eu achasse que tinha olhado em todos os lugares, descobri que ele havia deixado um embrulho de papel pardo, então postei o embrulho para o lugar que ele falou. Não consigo me lembrar o endereço agora; era algum lugar em Westminster. Mas, como a coisa pareceu tão importante, pensei que talvez a polícia tenha vindo por causa disso.

– Pois eles vieram – disse Valentin sucinto. – A charneca Hampstead fica perto daqui?

– Exatos quinze minutos – disse a mulher. – Vão chegar na hora de abrir.

Valentin saltou para fora da loja e começou a correr. Os outros detetives

seguiram-no em um trote relutante.

A rua onde tinham se enfiado era tão estreita e sombria que quando de repente saíram na via pública, deserta sob um amplo céu, espantaram-se de encontrar a noite ainda tão iluminada e clara. Uma cúpula verde-pavão perfeita afundava em ouro, no meio de árvores enegrecidas e um forte violeta. A tinta verde profundo era intensa o suficiente para revelar uma ou duas estrelas como pontinhos de cristal. Tudo que restou da luz do dia pousou em um resplendor dourado sobre a borda de Hampstead e sobre aquele vale popularmente chamado de Vale da Saúde. As pessoas que aproveitavam o fim de semana e passeavam na região ainda não haviam se dispersado por completo; alguns casais estavam sentados disformes nos bancos; aqui e ali uma menina ao longe ainda soltava gritinhos em um dos balanços. A glória do céu se intensificou e escureceu em torno da sublime mediocridade do homem; parado sobre o declive e olhando para o vale, Valentin contemplou aquilo que buscava.

Entre os grupos escuros e dispersos naquela distância estava um especialmente escuro e não disperso – um grupo de duas figuras vestidas de clérigos. Embora parecessem pequenos como insetos, Valentin pôde ver que um deles era bem menor que o outro. Embora o outro tivesse um corpo de estudante e uma atitude insuspeita, ele notou que o homem tinha mais de um metro e oitenta de altura. Cerrou os dentes e seguiu em frente, rodopiando a bengala de modo impaciente. Quando reduziu de forma considerável a distância, e as duas figuras negras ficaram ampliadas como em um imenso microscópio, ele percebeu algo mais, algo que o surpreendeu e que de forma alguma havia suposto. Quem quer que fosse o padre alto, não poderia haver dúvida sobre a identidade do baixinho. Era seu amigo do trem de Harwich, o curé pequeno e roliço de Essex a quem havia advertido sobre os embrulhos de papel pardo.

A essa altura, tudo se ajustava de forma bastante decisiva e racional. Valentin tinha descoberto por suas indagações, naquela manhã, que um certo Padre Brown de Essex trazia uma cruz de prata com safiras, relíquia de valor considerável, para mostrar a alguns dos padres estrangeiros no congresso. Sem dúvida era a “prata com pedras azuis”; e sem dúvida o Padre Brown era o homem simplório no trem. Não havia nada espantoso no fato de que Flambeau descobrira o que Valentin descobrira; afinal, Flambeau descobria tudo. Além disso, não havia nada espantoso no fato de que, quando Flambeau ouvisse falar na cruz de safira, tentasse roubá-la; isso era a coisa mais natural

em toda a história natural. E ainda mais certo era que não houvesse nada espantoso no fato de Flambeau ter conseguido tudo isso à sua própria maneira, em se tratando do bobo cordeirinho com o guarda-chuva e os embrulhos. Ele era o tipo de homem que qualquer um poderia conduzir em uma corda até o Polo Norte; não era surpresa que um ator como Flambeau, vestido como outro padre, pudesse conduzi-lo para a charneca Hampstead. Até ali, o crime parecia bastante claro; e se por um lado o detetive lamentava a vulnerabilidade do padre, pelo outro quase desprezava Flambeau por se dignar a atacar uma vítima tão ingênua. Mas quando Valentin pensou em tudo que acontecera nesse meio-tempo, em tudo que o conduzira ao seu triunfo, exauriu seus miolos com os pequenos fatos inexplicáveis. O que o roubo de uma cruz azul e prateada de um padre de Essex tinha a ver com sopa atirada no papel de parede? O que isso tinha a ver com chamar laranjas de castanhas, ou com pagar por janelas antes e quebrá-las depois? Ele tinha chegado ao fim de sua perseguição, ainda que de alguma forma houvesse perdido o meio dela. Quando falhava (o que era raro), em geral tinha chegado à solução do enigma, embora perdesse o criminoso. Aqui ele havia chegado ao criminoso, mas ainda não conseguira chegar à solução do enigma.

Os dois vultos que eles seguiam rastejavam como moscas pretas pelo grande contorno verde da montanha. Estavam, de forma evidente, imersos em conversações, e talvez não tivessem notado aonde estavam indo, mas com certeza rumavam ao cume mais silencioso e ermo da charneca. À medida que se aproximavam deles, seus perseguidores tiveram de adotar as atitudes indignas do caçador de cervos: armar o bote por detrás de capões de árvores e até mesmo rastejar na relva alta. Por meio dessas engenhosidades nada graciosas, os caçadores chegaram perto o suficiente da presa para ouvir os murmúrios da discussão, mas nenhuma palavra podia ser distinguida, a não ser a palavra “razão” evocada com frequência em uma voz aguda e quase infantil. Assim que alcançaram o topo de um abrupto declive e um denso emaranhado de moitas, os detetives efetivamente perderam os dois vultos de vista. Não encontraram o rastro de novo por dez agonizantes minutos, e isso os levou à borda do grande cume de uma montanha, com vista para um anfiteatro com um cenário de pôr do sol rico e desolador. Embaixo de uma árvore, nesse local grandioso ainda que negligenciado, havia um banco de madeira em ruínas. Nesse banco, estavam sentados os dois padres, imersos em sua calorosa conversação. O verde e o dourado ainda se uniam esplêndidos ao horizonte escurecido, mas o firmamento se transformava

lentamente de verde-pavão em azul-pavão, e as estrelas destacavam-se cada vez mais como joias sólidas. Acenando em silêncio para os companheiros, Valentin rastejou por trás da árvore grande e cheia de galhos e lá, em silêncio mortal, escutou pela primeira vez as palavras dos estranhos padres.

Depois de escutar por um minuto e meio, ele foi tomado por uma dúvida infernal. Talvez tivesse arrastado os dois policiais ingleses para o ponto mais ermo de uma charneca, à noite, em uma incumbência tão insensata como procurar figos em cardos. Porque os dois padres conversavam exatamente como padres, de forma respeitosa, com erudição e calma, sobre o mais abstrato enigma da teologia. O padre baixinho de Essex falava mais simples, com o rosto redondo virado para as estrelas intensificadas; o outro conversava com a cabeça curvada, como se não fosse digno o bastante para olhar. Mas não podia ser uma conversa mais inocente do que as que se ouve em qualquer convento italiano ou catedral negra espanhola.

O que ele escutou primeiro foi a conclusão de uma frase de Padre Brown:

– ... na verdade era isso que eles entendiam na Idade Média por “céus incorruptíveis”.

O padre mais alto assentiu com a cabeça curvada e disse:

– Ah! Sim, esses infiéis modernos apelam para a sua razão; mas quem seria capaz de olhar para aqueles milhares de mundos e não sentir que podem existir universos maravilhosos acima de nós, onde a razão é completamente irracional?

– Não – disse o outro padre –, a razão é sempre racional, mesmo no último limbo, na fronteira perdida das coisas. Eu sei que as pessoas acusam a Igreja de desvalorizar a razão, mas na verdade é o contrário. Sozinha na Terra, a Igreja torna a razão realmente suprema. Sozinha na Terra, a Igreja afirma que o próprio Deus é limitado pela razão.

O outro padre ergueu a face austera para o céu cintilante e disse:

– Além disso, quem sabe se naquele universo infinito?...

– Infinito apenas fisicamente – disse o pequenino padre, voltando-se com energia em seu banco –, não infinito no senso de escapar das leis da verdade.

Valentin, atrás da árvore, roía as unhas com fúria silenciosa. Teve a impressão de quase escutar o riso abafado dos detetives ingleses, que levava tão longe em uma suposição fantástica, só para ouvir o mexerico metafísico de dois párocos velhos e gentis. Em sua impaciência, perdeu a resposta

igualmente elaborada do padre alto. Quando escutou de novo, outra vez era o Padre Brown quem estava falando:

– Razão e justiça controlam a estrela mais remota e solitária. Olhe para aquelas estrelas. Não parecem safiras e diamantes solitários? Bem, você pode imaginar qualquer maluquice botânica ou geológica que lhe agrade. Pensar em florestas de adamantino com folhas de brilhantes. Pensar que a lua é uma lua azul, uma enorme safira solitária. Mas não acredite que toda essa astronomia fanática possa fazer a mínima diferença para a razão e a justiça de conduta. Em planícies de opala, abaixo de penhascos cunhados em pérola, você ainda encontraria um aviso no mural: “Não roubarás”.

Valentin estava prestes a sair de sua postura agachada e tensa para rastejar tão suave quanto possível, frustrado com o maior desatino de sua vida. Mas alguma coisa no silêncio do padre alto o fez esperar até ele falar. Por fim ele disse, com simplicidade, a cabeça curvada e as mãos nos joelhos:

– Bem, ainda acho que talvez outros mundos possam ir além da nossa razão. O mistério do céu é insondável, e eu, como indivíduo, posso apenas curvar minha cabeça.

Depois, com o semblante ainda inclinado e sem mudar nem pela mais tênue sombra a postura nem a voz, acrescentou:

– Pode me passar a cruz de safiras, certo? Estamos sozinhos aqui. Posso lhe estraçalhar como uma boneca de palha.

A voz e o comportamento completamente inalterados acrescentaram uma violência estranha àquela mudança chocante de discurso. Mas o guardião da relíquia apenas girou a cabeça um pequeno intervalo de circunferência. Seu rosto meio tolo parecia continuar olhando as estrelas. Talvez não tivesse entendido. Ou talvez tivesse entendido e permanecido sentado, rígido de terror.

– Sim – disse o padre alto, na mesma voz baixa e ainda na mesma postura –, sim, eu sou Flambeau.

Depois, após uma pausa, ele falou:

– Vamos, não vai me dar a cruz?

– Não – disse o outro, e o monossílabo teve um som estranho.

Flambeau de repente abandonou todas as pretensões pontificais. O grande ladrão inclinou-se para trás em seu banco e gargalhou baixinho, mas longamente.

– Não – gritou ele –, não vai me dar, seu prelado arrogante. Não vai me dar, seu celibatariozinho simplório. Posso dizer por que não vai me entregar?

Porque já estou com ela aqui no meu bolso.

O homenzinho de Essex virou o que pareceu ser um rosto atordoado ao cair da noite e disse, com a ansiedade tímida de *O secretário particular*.

– Tem... tem certeza?

Flambeau gritou com deleite:

– De fato, você é tão bom quanto uma farsa de três atos – gritou ele. – Sim, seu nabo, tenho certeza absoluta. Eu tive o bom senso de fazer uma réplica do embrulho certo. Agora, meu amigo, você tem a réplica e eu tenho as joias. Um velho artifício, Padre Brown, um velho artifício.

– Sim – disse Padre Brown, e passou a mão no cabelo com o mesmo estranho jeito impreciso. – Sim, já ouvi falar nisso antes.

O colosso do crime inclinou-se sobre o rústico padrezinho com um quê de interesse repentino.

– Ouviu falar nisso? – ele perguntou. – Onde ouviu falar?

– Bem, não devo contar o nome dele, é claro –, disse de maneira simples o homenzinho. – Ele era um penitente, sabe? Viveu de forma próspera por cerca de vinte anos, tudo a partir de embrulhos de papel pardo duplicados. E então, veja, quando comecei a suspeitar de você, pensei logo no método medíocre do sujeito fazer isso.

– Começou a suspeitar de mim? – repetiu o fora da lei com intensidade crescente. – Teve mesmo a presença de espírito de suspeitar de mim só porque eu lhe trouxe para esta parte isolada da charneca?

– Não, não – disse Brown como quem se desculpa –, veja bem, suspeitei de você logo que nos conhecemos. Aquela pequena saliência na manga no lugar que vocês têm um bracelete com pontas.

– Como! – gritou Flambeau. – Como é que você ouviu falar no bracelete com pontas?

– Ah, nosso pequeno rebanho, sabe? – disse Padre Brown, arqueando as sobrancelhas de forma um pouco vaga. – Quando eu era cura na cidade de Hartlepool, havia três deles com braceletes com pontas. Então, como suspeitei de você desde o início e você não notou, me certifiquei de que a cruz ficasse a salvo. Receoso, eu o vigiei, sabe? Então finalmente vi você trocar os embrulhos. Depois troquei os embrulhos outra vez sem você notar. E então deixei o certo para trás.

– Deixou para trás? – repetiu Flambeau, e pela primeira vez havia outro sinal na voz além de triunfo.

– Bem, foi assim – disse o pequenino padre, falando do mesmo modo

inalterado. – Voltei para a loja de doces e perguntei se não tinha deixado um embrulho e dei um endereço particular para o caso de o embrulho aparecer. Bem, eu sabia que não tinha deixado, mas, quando saí dali de novo, aí sim, deixei. Então, em vez de correrem atrás de mim com aquele embrulho valioso, o remeteram voando para meu amigo em Westminster. – Em seguida acrescentou, meio triste: – Também aprendi isso com um pobre camarada em Hartlepool. Ele costumava fazer isso com bolsas que roubava nas estações de trem, mas está em um mosteiro agora. A gente fica sabendo, sabe – acrescentou, esfregando a cabeça outra vez com o mesmo tipo de apologia desesperada. – Não temos culpa de ser padres. As pessoas vêm e nos contam essas coisas.

Flambeau arrancou o embrulho de papel pardo do bolso interno e o dilacerou. Não havia nada além de papel e bastões de chumbo dentro. Ficou de pé num pulo gigantesco e gritou:

– Não acredito em você. Não acredito que um matuto como você tenha planejado tudo isso. Acredito que a coisa ainda está aí. Se você não me entregar... ora, estamos sozinhos, e pegarei ela à força!

– Não – limitou-se a dizer Padre Brown, levantando-se também –, você não vai pegar nada à força. Em primeiro lugar, porque eu de fato não estou mais com ela. E, segundo, porque não estamos sozinhos.

Flambeau interrompeu seu passo à frente.

– Atrás daquela árvore – falou Padre Brown, apontando –, estão dois policiais fortes e o melhor detetive vivo. Quer saber como eles chegaram aqui? Ora, eu os trouxe, claro! Como fiz isso? Ora, eu vou contar se você desejar! Deus lhe abençoe, temos que saber vinte tipos de coisas quando trabalhamos entre as classes criminosas! Bem, eu não tinha certeza de que você era um ladrão, e não é nem um pouco recomendável fazer um escândalo contra alguém do nosso próprio clero. Então só o testei para ver se alguma coisa o induzia a se mostrar. Um homem, em geral, faz uma pequena cena se descobre sal em seu café, se não faz, tem alguma razão para permanecer quieto. Troquei o sal e o açúcar, e você permaneceu calado. Um homem, em geral, contesta se sua conta é três vezes maior. Se ele paga, tem algum motivo para querer passar despercebido. Alterei sua conta, e você pagou.

O mundo parecia esperar Flambeau saltar como um tigre. Mas ele se conteve, como por encanto, atordoado por uma curiosidade extrema.

– Bem – continuou Padre Brown, com lucidez inconveniente –, como você não deixaria nenhuma pista para a polícia, é claro que alguém teria que

fazer isso. Em todos os lugares que fomos, tive o cuidado de fazer algo que nos tornasse falados pelo resto do dia. Não causei muitos prejuízos: uma parede respingada, maçãs derrubadas, uma janela quebrada; mas salvei a cruz, como a cruz sempre será salva. Ela está em Westminster agora. Fico pensando por que você não a parou com o Assobio de Burro.

– Com o quê? – perguntou Flambeau.

– Estou feliz que você nunca tenha ouvido falar nisso – disse o padre, fazendo uma careta. – É um golpe baixo. Tenho certeza que você é um homem muito bom para ser um Assobiador. Nem mesmo com as Pintas eu poderia ter impedido isso. Não sou forte o suficiente nas pernas.

– Do que diabos você está falando? – perguntou o outro.

– Bem, eu pensei que você conhecesse as Pintas – disse Padre Brown, com agradável surpresa. – Ah, você não podia mesmo já estar tão desencaminhado!

– Como é que você conhece todos esses golpes horríveis? – gritou Flambeau.

A sombra de um sorriso perpassou o rosto simples e arredondado do seu oponente clerical.

– Ah, sendo um celibatário simplório, suponho – ele disse. – Nunca imaginou que um homem que não faz quase nada além de escutar pecados verdadeiros dificilmente seria um completo ignorante sobre a maldade humana? Mas, na verdade, outra parte do meu ofício também me fez ter certeza de que você não era padre.

– O quê? – perguntou o ladrão boquiaberto.

– Você atacou a razão – disse Padre Brown. – Isso é má teologia.

E assim que ele se virou para apanhar seus pertences, os três policiais saíram de baixo das árvores do crepúsculo. Flambeau era artista e esportista. Recuou e fez uma grande reverência a Valentin.

– Não me reverencie, *mon ami* – disse Valentin, com sutileza prateada. – Façamos nós dois uma reverência a nosso mestre.

E os dois ficaram um instante sem chapéu, enquanto o pequenino padre de Essex corria o olhar ao redor, atrás de seu guarda-chuva.